

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O Banco dos Envelopes: anatomia de uma falência anunciada

Publicado em 2026-01-09 14:28:56



NOTA EDITORIAL / ENQUADRAMENTO

O texto que se segue é uma **crónica de reflexão cívica** e um **testemunho pessoal**, escrito a partir de experiência directa vivida pelo autor e da sua memória dos acontecimentos, tal como foram então percebidos e hoje recordados.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

cargos ou figuras públicas surge apenas no plano **histórico, institucional, político e moral**, no âmbito do legítimo exercício da **liberdade de expressão** e do **direito de crítica** em democracia.

As interpretações e leituras apresentadas são de natureza **opinativa**, não substituem investigação oficial, auditoria forense ou apreciação judicial, e destinam-se exclusivamente a contribuir para o **debate público**, a **memória colectiva** e a exigência de **transparência** e **responsabilização** em matérias de interesse geral.

Por respeito aos leitores e ao rigor, evita-se aqui qualquer afirmação peremptória sobre a **legalidade** de procedimentos internos, limitando-se o autor a relatar o que viveu e a formular perguntas cívicas que, num Estado de direito, são não só legítimas como necessárias. Por último, e num tom de provocação, pergunto-vos, caros leitores, altos magistrados da nação e políticos deste Portugal : É este o legado e o país que querem deixar como futuro, para os vossos filhos e netos?!

- Francisco Gonçalves

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

dinheiro vivo, rondando +€450 por pessoa. Cargos mais altos recebiam ainda mais. Tudo dinheiro vivo.

- **Universo:** num banco nacional, isto significa **centenas de milhares a mais de um milhão de euros em numerário físico.**
- **Ruptura de padrão:** o autor trabalha desde **1977** e **nunca** recebeu dinheiro vivo de entidade empregadora — excepto dos pais, quando estudante.
- **Anomalia operacional:** prémios em numerário são incompatíveis com práticas modernas de **compliance, auditoria e AML.**
- **Tese:** quando o dinheiro aparece sem história, a história já está a apodrecer por dentro.



anunciada

Trabalhei desde 1977. Atravessei empresas, sectores, países, culturas. Nunca recebi dinheiro vivo de um empregador. Até ali. Quando o envelope apareceu, o banco já estava a morrer – só ainda não sabíamos.

Em 2007 e 2008 o mundo financeiro já ardia, e o cheiro a fumo entrava pelas portas giratórias como uma verdade mal disfarçada. Foi nessa altura — e isto não é rumor, é memória vivida — que um banco distribuiu, no fim de ano, a cada funcionário um envelope com dinheiro vivo. Não era transferência. Não era recibo detalhado. Não era “processamento normal”. Era o velho ritual da nota dobrada: discreta, quente, quase íntima.

O valor rondava os **450 euros**. Pode parecer “pouco”. O diabo está no plural. Multipliquemos por um universo típico de um grupo bancário nacional: **milhares**. E de repente temos uma imagem absurda e, por isso mesmo, reveladora: **mais de um milhão de euros em notas**, a circularem em envelopes, num ambiente que vive de controlo, registo e rastreabilidade.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

normalização deste episódio. Comecei a trabalhar em **1977**. Passei por informática pesada, indústria, banca, telecomunicações, gestão, projectos internacionais, culturas organizacionais diversas. Em mais de **três décadas de carreira, nunca** recebi dinheiro vivo de uma entidade empregadora ou outro qualquer cliente. Tudo através dos bancos e devidos impostos, elevados, liquidados.

Nunca. Nem em bónus. Nem em prémios. Nem em “gratificações”. Nem em “mimos”.

A única excepção na minha vida foi quando era estudante e os meus pais me davam algum dinheiro para ajudar. Isto é decisivo. Porque um banco **não é pai**. Um banco **não dá mesadas**. Um banco **não educa**. Um banco **contrata, paga, regista e responde**.

Quando uma instituição financeira começa a comportar-se como tio generoso de aldeia, não estamos perante cultura. Estamos perante **ruptura de padrão**. E em análise séria, as rupturas de padrão são sempre sinais.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Quem o mandou levantar? De que conta saiu? Em que rubrica entrou? Quem assinou a autorização? Quem transportou? Quem guardou? Quem conferiu? Que auditor viu? Que supervisor aceitou como normal?

Um banco não é uma quermesse. Não é uma feira. Não é uma junta de freguesia com caixa de sapatos. Um banco é, por definição, uma máquina de confiança, e a confiança tem um requisito técnico: **rasto**. Quando o rastro desaparece, não estamos perante generosidade. Estamos perante um sistema que já não acredita na sua própria limpeza.

O envelope como linguagem de regime

O envelope é mais do que dinheiro: é uma mensagem. Diz “toma” sem dizer “declaro”. Diz “fica bem visto” sem dizer “presta contas” e “não contes a ninguém”. É um carinho rápido, uma pequena anestesia, um gesto que cria sentimento de pertença e, ao mesmo tempo, evita perguntas.

E aqui entra o que custa admitir: em instituições que se aproximam do abismo, a gestão por vezes troca liderança por sedação. Não é preciso que seja conspiração. Basta que seja cultura. Uma cultura onde a normalidade se vai tornando elástica, até caber o inaceitável.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Marques dos Santos surge aqui como símbolo de uma pergunta maior: como é que se dirige um banco, ano após ano, sem que práticas anómalas gerem consequência pública, apuramento e responsabilidade?

Porque, quando um banco cai, dizem-nos sempre que a queda foi “inesperada”. O país adora esta palavra: inesperado. O inesperado é a forma elegante de dizer “ninguém quis ver”. Mas quem vive lá dentro vê os sinais: os desvios pequenos, os hábitos estranhos, o folclore que não é folclore — é **alarme**.

Portugal, o país onde o prejuízo não tem pai

Há uma doença nacional que não está nos livros de medicina: chama-se **orfandade do erro**. O erro acontece, o prejuízo cresce, o rombo abre, e no fim o país fica a olhar para a cratera como quem olha para uma tempestade: “foi o tempo”. “foi a conjuntura”. “foi a herança”. “foi o mercado”. “foi a vida”.

E entretanto, o cidadão paga. Paga com impostos. Paga com serviços degradados. Paga com salários magros. Paga com a vergonha subtil de viver num lugar onde a responsabilidade é sempre de alguém “mais abaixo”, “mais longe” ou “já reformado”.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

trabalhadores (que receberam), mas para investigar decisores (que decidiram) e processos (que permitiram). Com auditoria forense retroactiva. Com cruzamento de rubricas. Com identificação de autorizações. Com responsabilização, se houver matéria para isso.

Em Portugal, a resposta típica é mais discreta: uma sobrancelha levantada, um “não sei”, um “não me lembro”, e a vida segue. Mas a vida não segue: a factura acumula-se. E a factura, um dia, volta — sempre volta — sob a forma de resgate, de colapso, de austeridade, de empobrecimento colectivo.

Epílogo: o envelope não era prémio — era sintoma

O que hoje me inquieta não é o dinheiro que entrou no envelope. É a naturalidade com que se aceitou que um banco operasse, por instantes, como se a lei fosse uma cortina e a ética um adereço. O envelope não era um prémio. Era um sintoma. E os sintomas, quando são ignorados, tornam-se destino.

Se a prática foi só do Banif, ou outros bancos nacionais também usaram estes esquemas, é mais uma pergunta incómoda que vos deixo, como cidadão responsável, e que

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Francisco Gonçalves

Fragmentos do Caos — memória, lâmina e responsabilidade.

E para que a História se faça de memórias e da verdade vivida. E que no futuro este texto ajude a dissipar nevoeiros e venha sem opacidade e a impunidade seja castigada severamente.

Co-autoria editorial: Augustus Veritas [assistente de IA]

[leia]



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)